



REVISTA NÓS

CULTURA, ESTÉTICA E LINGUAGENS

VOL. 10, Nº 2, 2º SEMESTRE DE 2024

ISSN 2448-1793

ESCOLA GOIANA DE BELAS ARTES (1952): INSTRUMENTO DA MODERNIDADE EM GOIÁS.

A SCHOOL OF FINE ARTS IN GOIÁS (1952): FOUNDING MODERNITY

DOI: <https://10.5281/zenodo.14984426>

Envio:19.08.2024 - Aceite:10.11.2024

Anna Paula Teixeira Daher

Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás - UFG. Membro do Grupo de Estudos de História e Imagem da UFG e da Rede de Pesquisa em História e Culturas no Mundo Contemporâneo (UPM). Professora da Rede Pública Municipal de Goiânia.

RESUMO

Este artigo analisa a importância da Escola Goiana de Belas Artes como um instrumento essencial na modernização da arte em Goiás. Fundada em 1º de dezembro de 1952, a escola foi fundamental para a formação de artistas goianos, influenciando diretamente o panorama artístico do estado. A pesquisa discute o impacto da Escola Goiana nas artes visuais e sua conexão com os movimentos modernistas brasileiros, refletindo as mudanças sociais e culturais que ocorreram em Goiás durante esse período. Através da história da escola, é possível compreender como ela se constituiu como um ponto de convergência para a modernidade artística no estado, criando uma nova identidade cultural para Goiás.

PALAVRAS-CHAVE: Modernidade, Artes Plásticas, Goiás, Goiânia, Escola Goiana de Belas Artes.

ABSTRACT

This article analyzes the importance of the first School of Fine Arts in Goiás as an essential instrument in the modernization of art of this state. Founded on December 1, 1952, the school was fundamental in the training of artists from Goiás, directly influencing the artistic panorama of the state. The research discusses the impact of the school and its connection with the Brazilian modernist movements, reflecting the social and cultural changes that occurred in Goiás during this period. Through the history of the school, it is possible to understand how it became a point of convergence for artistic modernity in the state, creating a new cultural identity for Goiás.

KEYWORDS: Modernity, Visual Arts, Goiás, Goiânia, Escola Goiana de Belas Artes.

Muito já se escreveu sobre a Escola Goiana de Belas Artes (EGBA), e a primeira informação sempre é: foi fundada em 1º de dezembro de 1952³, em Goiânia, Goiás, por Luiz Augusto do Carmo Curado, Henning Gustav Ritter e Frei Nazareno Confaloni.

A partir desses três nomes, bem recorda Borela (2010), o modernismo em Goiás se desenvolve inicialmente com a valiosa contribuição de artistas estrangeiros, cujas diferentes bagagens estéticas e históricas foram adaptadas ao contexto local. A pesquisadora segue argumentando (BORELA, 2010, p. 21) que esse processo resultou em uma "cena inaugural oficial", formada pelo encontro de várias experiências pessoais e influências externas. Luís Curado, nascido em Pirenópolis, foi o único goiano da época, tendo estudado na Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro. Gustav Ritter, por sua vez, se formou na Bauhaus, em Hamburgo, na Alemanha. Já Frei Confaloni teve sua formação nas renomadas escolas de arte da Itália, como a Escola de Belas Artes de Florença.

No contexto das transformações políticas, sociais e culturais do início do século XX, o Brasil assistia a uma renovação das artes que refletia os anseios de modernização do país. Esse processo se intensificou com a Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, e se espalhou por diversas regiões, incluindo Goiás. O modernismo no Brasil tem a Semana de Arte Moderna de 1922, realizada em São Paulo, como um marco fundamental na história cultural do país. Esse evento representou uma ruptura com o que se entendia como o tradicionalismo cultural, vinculado a correntes artísticas e literárias anteriores, como o parnasianismo, o simbolismo e, especialmente, a arte acadêmica. A busca por um novo olhar estético e o compromisso com a independência cultural do Brasil fizeram do modernismo um movimento caracterizado por um "estilo novo", que promoveu a experimentação artística e foi fortemente influenciado pelas produções daquela época.

A criação da EGBA foi um dos marcos dessa modernização no estado, haja vista que a escola desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento da arte goiana, promovendo a formação de artistas locais e aproximando Goiás das tendências modernas que grassavam o cenário artístico brasileiro.

³ E entrou em funcionamento no ano seguinte: “embora o processo ainda corresse seus trâmites legais, a Escola Goiana de Belas Artes abriu suas portas em 30 de março de 1953, com grande exposição em que os professores puderam mostrar o seu alto nível artístico” (CURADO *apud* PINA FILHO, 2002, p. 54; 1988, p. 59).

A década de 1930 no Brasil foi um período de profundas transformações políticas, sociais e econômicas, que refletiram diretamente nas manifestações artísticas do país. A ascensão de Getúlio Vargas ao poder, por meio da Revolução de 1930, instaurou um novo regime que buscava consolidar a unidade nacional e impulsionar a industrialização. Nesse contexto, a arte brasileira passou a desempenhar um papel crucial na construção de uma identidade nacional, alinhando-se aos objetivos do governo e refletindo as mudanças sociais em curso.

A relação entre arte e política durante esse período foi marcada por uma colaboração mútua. O Estado reconheceu o potencial da arte como instrumento de propaganda e de afirmação da nacionalidade, incentivando produções que exaltassem os valores e a cultura brasileira. Por outro lado, os artistas viam na política uma oportunidade para legitimar e divulgar suas obras, além de obter apoio institucional. Essa simbiose resultou em uma produção artística que buscava refletir a realidade nacional, ao mesmo tempo em que promovia os ideais do novo regime.

A industrialização promovida pelo governo Vargas trouxe consigo uma série de transformações sociais e econômicas que impactaram diretamente a vida dos brasileiros. A urbanização acelerada, o êxodo rural e o surgimento de novas classes sociais, como o proletariado urbano, foram temas recorrentes nas produções artísticas da época. Artistas como Portinari, Di Cavalcanti e Tarsila do Amaral retrataram em suas obras a realidade dos trabalhadores, as desigualdades sociais e as mudanças no cotidiano brasileiro.

A busca por uma identidade nacional também levou à valorização das manifestações culturais populares e regionais⁴. Movimentos como o regionalismo e o nacionalismo cultural procuraram resgatar e exaltar elementos da cultura brasileira, como o folclore, as tradições indígenas e afro-brasileiras, e as paisagens nacionais. Essa valorização da cultura

⁴ Na exposição do I Congresso Nacional de Intelectuais, por exemplo, esse cuidado fica bem claro. A exposição ofereceu visibilidade também para artistas anônimos da arte popular em cerâmica e madeira (conjunto artístico formado pelo que se conhece como “Ex-votos de Trindade”, tratando-se, assim, de peças de cunho religioso produzidas em agrado ao Divino Espírito Santo e deixadas na cidade de Trindade – GO porromeiros/“artistas” desconhecidos durante a Festa do Divino), além de ter exposto dezessete imagens do escultor barroco goiano José Joaquim da Veiga Valle (1806-1874) e, ainda, algumas peças da arte figurativa Karajá, nação indígena localizada na região do Rio Araguaia, em Goiás. (BORELA, 2010, p. 96).

nacional visava fortalecer o sentimento de pertencimento e unidade entre os brasileiros, especialmente em um período de intensas transformações e desafios.

A busca pela modernização, para integrar Goiás ao cenário nacional, exigia a implementação de novas estratégias de reorganização social, com ênfase nos aspectos urbanos. Esse processo envolveu o desenvolvimento da ciência, cultura, política, economia e educação, além da necessidade de reestruturação social. A eventual criação das universidades goianas, como a Católica (atualmente PUC) e a Federal (UFG), representou um passo fundamental para a formação da liderança administrativa necessária para o governo do Estado de Goiás (GOYA).

Em Goiás, o ensino de artes tem início com a transferência da antiga capital, a cidade de Goiás, para Goiânia. Para compreender como esse processo ocorreu, é necessário entender os fatores que motivaram a mudança. A expansão territorial do Brasil, durante o século XVIII, foi impulsionada pela busca por ouro, o que favoreceu a ocupação de diversas regiões brasileiras, com destaque para Minas Gerais e Goiás. No entanto, a ocupação de Goiás foi mais lenta do que nos estados litorâneos, que já estavam em uma posição geograficamente mais favorável. Goiás, distante do litoral, tinha como principal recurso a exploração do ouro, o que impulsionou o povoamento e a formação dos primeiros núcleos urbanos, como a Vila Boa, que se tornou a capital da província. Porém, com a decadência do ciclo do ouro, o Estado ficou à margem do desenvolvimento das demais regiões, vivendo em um "isolamento" (CAMPOS, 1983, p. 21).

Esse isolamento, no entanto, proporcionou à região a oportunidade de manter hábitos e valores culturais próprios, que preservavam as tradições e se adaptavam às suas particularidades.

O desenvolvimento cultural de Goiás foi caracterizado pela fusão das culturas indígenas, africanas e europeias, resultando em uma nova identidade cultural. No campo das artes plásticas, destaca-se, no século XIX, a obra de Veiga Valle (1806-1874), uma referência isolada na história das artes plásticas em Goiás. E, no caso, como aponta Fernando Santos, “quando se criou a Escola Goiana de Belas Artes (EGBA), em 1953, tiveram como uma de suas propostas instalar o modernismo em Goiás. Assim, Veiga Valle passou a

ser o representante do passado da arte goiana e, até mesmo, comparado com Aleijadinho” (SANTOS, 2022).

Com o desenvolvimento do Estado, começaram a surgir movimentos culturais, como o Grupo Oeste⁵ (1942-1945), composto por intelectuais de diversas tendências, que atuavam principalmente no campo literário. Na mesma época, foram fundadas instituições culturais e educacionais, como a Universidade Católica de Goiás (UCG, hoje PUC/GO) e a Universidade Federal de Goiás (UFG). Nomes importantes, como Antônio Henrique Péclat, José Edilberto da Veiga Jardim e Jorge Félix de Souza, se destacaram por suas atividades artísticas e educacionais, contribuindo para a formação de um novo cenário cultural em Goiás. Esses artistas participaram da fundação da Sociedade Pró-Arte de Goiás⁶, em 22 de outubro de 1945, um marco histórico-cultural para a nova cidade, que reunia artistas das mais diversas áreas (GOYA).

A data de fundação da EGBA também coloca a instituição na linha de frente do trabalho da construção da modernidade em Goiás, ao lado de instituições como o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG), na esteira da fundação da cidade de Goiânia, a capital planejada (e moderna) de Pedro Ludovico Teixeira, inaugurada sob as bençãos do governo Vargas. Desta forma, em Goiás, o processo de modernização foi particularmente visível com a fundação da nova capital, Goiânia, planejada como uma cidade moderna desde o início, com projetos arquitetônicos inspirados no urbanismo moderno, simbolizando o futuro e o progresso. A cidade foi inaugurada em 1933, embora a mudança efetiva da capital do estado para Goiânia só tenha ocorrido em 1937.

Pode-se entender Goiânia como o ponto de partida e difusor do modernismo em Goiás, abrangendo tanto as artes plásticas quanto a arquitetura. Nos primeiros anos da

⁵ A Revista Oeste surgiu em 5 de julho de 1942, data do Batismo Cultural de Goiânia e circulou somente até 1945. Contava no seu corpo editorial com figuras como Bernardo Élis, Garibaldi Teixeira, Hélio Lobo, Paulo Figueiredo e José Décio Filho. Com periodicidade mensal, a revista tinha um perfil literário e nasceu com o objetivo de destacar os valores intelectuais regionais e, ao mesmo tempo, tornar-se veículo da efervescência sócio-cultural de Goiânia, a nova capital, que florescia no cerrado. Essas informações estão disponíveis no CD que traz todas as edições da Revista, publicado pela AGEPEL/GO em 2001, conforme disponível em: <https://bibliotecafuturo.com.br/midiateca/revista-oeste/>.

⁶ A Sociedade Pró-Arte de Goiás, que funcionou até 1949, foi uma das primeiras iniciativas para divulgar e promover a arte no Estado, realizando exposições e incentivando a arte e a cultura. Entre seus associados estavam nomes como Octo Marques, Goiandira do Couto, Antônio Henrique Péclat, entre outros.

década de 1950, a cidade já estava consolidada como a capital do estado. Nesse período, Goiânia experimentava uma renovação de influências que impulsionaram ainda mais seu crescimento econômico e cultural. Esse impulso se estendeu até o início dos anos 1960, com o período de 1950 a 1964 sendo marcado como a fase do segundo ciclo desenvolvimentista de Goiânia, sendo o primeiro relacionado à construção da cidade (METRAN, 2012).

Esse segundo ciclo de desenvolvimento, o qual foi essencial para a consolidação de sua identidade como uma cidade moderna, com traços de um modernismo local que buscava, por meio da arte e da arquitetura, uma afirmação de pertencimento ao novo Brasil. Este período foi marcado por uma troca intensa de influências culturais, principalmente da arquitetura funcionalista e das artes plásticas modernistas, que foram adaptadas ao contexto goiano, refletindo uma busca pela identidade regional e pelo engajamento com o que se passava no cenário nacional.

Isso porque para uma capital moderna urge um povo de pensamento, hábitos e produções também modernos e a arte em Goiás, até então, como já se destacou, era predominantemente influenciada por estilos tradicionais e religiosos. Com efeito, como nos lembra Vigário (2021, p. 278), as reformulações culturais do regime de Vargas são a base para a promoção dos projetos políticos de modernização e construção do imaginário de modernidade para Goiás. De igual forma, salutar ponderar que um olho está no moderno, no futuro, mas a tradição do passado sempre está presente. É como lembram Pereira e Cruz ao tratarem do projeto de Atílio Corrêa Lima para Goiânia, o moderno influenciado claramente pelo tradicional (no caso, o barroco):

Alguns elementos pensados por Atílio sustentam a característica moderna da cidade como os parques, o aeroporto, a estação ferroviária e as vias que os articulam. No entanto a cidade apresenta um desenho tradicional, vinculado ao pensamento do barroco francês [...]. PEREIRA e CRUZ (2012, p. 8).

Ainda que com um olho na tradição, a nova capital traz os novos ares necessários para que a modernidade chegue às artes, e o contexto artístico-cultural desenvolvido na

cidade foi rico (BORELA, 2010) e com novas práticas antes desconhecidas por aqui. O pintor D. J. Oliveira, por exemplo, nome fundamental dos primórdios da EGBA, com experiência no Grupo Santa Helena, em São Paulo, trouxe para Goiás o conceito de "ateliê coletivo"⁷, muito associado a artistas como Volpi e Rebolo (MENEZES, 2016).

E, também quanto ao próprio Frei Confaloni, um dos fundadores da EGBA, nesse esforço de construção da modernidade, Siron Franco (1973, p. 5) lembra um importante papel: o de educar o olhar de um povo acostumado com o "bonitinho" com suas figuras "distorcidas, estranhas, sofridas". Igualmente, o Frei educa o olhar sem deixar de lado a realidade do Estado, ao contrário. Como frisa Vigário (2013), Confaloni ensinou e produziu visualidades modernas, influenciado pelo universo rural e urbano com formas de expressões próprias de Goiás.

Mas não é só olhar do aluno que se treina, que se ensina. Sobral (2021) recorda que a prática de organizar exposições em Goiânia teve seu início com a "Exposição de Goiânia", que fez parte das celebrações de inauguração da cidade em 1942, durante o evento denominado Batismo Cultural. Realizada nas instalações da recém-criada Escola Técnica Federal de Goiás, essa exposição tinha um caráter predominantemente informativo, com um grande painel que divulgava informações sobre o Estado de Goiás. Essa prática também foi adotada pela EGBA, como esclarece Vigário:

Em 1953, as atividades da Escola foram marcadas por uma exposição coletiva de trabalhos dos professores. Participaram dessa exposição: Frei Confaloni com três obras óleo, intituladas: "Araguaia", "Dança de Cavalos", "Rede no Quintal", "Bosque", "Cancioneiro". O professor Luiz Curado apresentou duas xilogravuras, um estudo para escultura, fotografias, "Composições de aquarela" e duas esculturas "Velha e Cabeça". Henning Gustav Ritter expôs trabalhos de esculturas, desenhos e, dois estudos para escultura: escultura "Gato" (óleo de balsamo), "Torso" (jacarandá), "Macumba", "Cavalo", desenhos, alguns de paisagens europeias e outras do Rio dos Bois (paisagem goiana), os últimos feito à carvão. (VIGÁRIO, 2021, p.244).

⁷ Siron Franco, quando chegou a Goiânia, vindo da cidade de Goiás, frequentou esse ateliê e estudou com DJ Oliveira, Kleber Gouveia e Nazareno Confaloni, por exemplo.

E essas exposições não estão sozinhas. Mais uma vez nos socorremos de Sobral (2021) para lembrar que entre 1945 e 1954, cinco exposições importantes foram realizadas, sendo três edições da Exposição de Pintura, Escultura e Arquitetura da Sociedade Pró-Arte de Goiás, a Exposição Inaugural da Escola Goiana de Belas Artes e a Exposição Comemorativa do I Congresso Nacional de Intelectuais⁸. Essas exposições ajudam a compreender o início do pré-modernismo e modernismo das artes plásticas em Goiás. Além disso, elas fazem parte da construção do circuito artístico local, que se deu juntamente com o surgimento do ensino superior em artes plásticas. Esse período também marca os primeiros passos para a institucionalização da arte no estado, revelando as relações entre os artistas, os formatos de exibição das obras e o crescente interesse do público pelas manifestações artísticas.

Vê-se que uma instituição de ensino em belas artes desempenha um papel fundamental na preservação e inovação das formas culturais de um povo. Através da formação de artistas, ela garante que as expressões culturais, muitas vezes originadas de elementos populares ou tradicionais, sejam estudadas, reinterpretadas e adaptadas de acordo com o tempo, sem perder suas raízes. A arte, como linguagem universal, serve como uma ferramenta poderosa para se conectar com o presente e o passado, criando um diálogo entre diferentes gerações e preservando a memória cultural de uma sociedade.

Além disso, o ensino das artes é uma forma de cultivar o pensamento crítico e a autonomia intelectual dentro de uma população. Quando o público é exposto ao ensino formal das artes, ele adquire não apenas habilidades de produção estética, mas também um olhar mais atento sobre o contexto social, político e econômico ao qual está inserido. Artistas formados em um ambiente educativo voltado para as artes não apenas criam obras de arte, mas também se tornam agentes transformadores da sociedade, questionando, criticando e provocando reflexões profundas sobre questões locais, regionais e até globais.

⁸ [...] entre escritores, poetas, sociólogos, professores, arquitetos, educadores, músicos, artistas plásticos, cineastas e jornalistas que se reuniram pela primeira vez no Centro-Oeste. Destaque para as presenças de Pablo Neruda, Jorge Amado, Mário Schenberg, José Geraldo Vieira, Mário Barata, Orígenes Lessa, Lima Barreto, Vilanova Artigas, entre outros. (BORELA, 2010, p. 95-96).

A estrutura de um ensino de belas artes também contribui para a valorização da arte como um elemento vital no cotidiano de um povo. A arte, muitas vezes vista apenas como entretenimento ou um luxo acessível a poucos, ganha um caráter essencial e transformador, especialmente quando consideramos que por meio das artes podemos expressar simbolicamente os aspectos espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que definem uma sociedade ou grupo social. Elas refletem o modo de vida, os valores, as tradições e as crenças de um povo. Para compreender plenamente a cultura de um país, é essencial conhecer sua arte, pois sem isso, nosso entendimento sobre essa cultura será limitado e superficial. Aqueles que se dedicam à construção da identidade cultural de um povo não conseguem alcançar um resultado significativo sem considerar e estudar suas manifestações artísticas (BARBOSA,2012)

Desta forma, para concluir, fica claro que a fundação da EGBA em 1953 marca um momento essencial no desenvolvimento da arte moderna em Goiás. Antes dessa data, embora houvesse alguns esforços e iniciativas para promover e expor a arte local, como as realizadas pela Sociedade Pró-Arte de Goiás, a arte goiana ainda carecia de um suporte institucional formal e de um espaço dedicado ao ensino sistematizado. Esses primeiros movimentos artísticos em Goiás estavam distantes das principais escolas de arte do Brasil, especialmente dos centros do Rio de Janeiro e São Paulo, mas isso não significava que não houvesse interesse e produção artística na região.

As exposições realizadas nas décadas de 1940 e 1950 representaram tentativas iniciais de construir uma cena artística em Goiás. Essas exposições, no entanto, não eram estruturadas de forma a criar uma continuidade ou um processo educacional claro para os artistas da região. A arte em Goiás ainda estava se configurando sem um sistema formal de ensino ou uma base sólida para sua profissionalização.

A criação da EGBA, em 1953, preencheu essa lacuna ao oferecer um espaço institucional e acadêmico para a formação de artistas. Ela se tornou a primeira escola de arte em Goiás a fornecer um ensino formal de belas artes, permitindo que os artistas goianos tivessem acesso a uma formação acadêmica mais estruturada. Essa estruturação foi crucial para o desenvolvimento da arte no estado, já que possibilitou a formação de uma

nova geração de artistas, críticos e educadores, que puderam se relacionar com as tendências da arte moderna de forma mais consolidada.

Embora o ritmo de desenvolvimento artístico em Goiás fosse, de fato, mais gradual em comparação com os grandes centros urbanos, isso não deve ser visto como um atraso ou descompasso em relação à modernidade, mas como uma característica própria da região. O tempo de amadurecimento da arte em Goiás foi distinto, e a EGBA desempenhou um papel fundamental para que esse desenvolvimento se concretizasse de forma mais organizada e articulada.

A escola não só forneceu educação formal em belas artes, mas também contribuiu para a criação de um circuito de arte local, promovendo exposições e discussões críticas, além de estimular a interação entre os artistas de Goiás e os movimentos artísticos mais amplos que aconteciam em outras partes do Brasil. A EGBA foi, portanto, fundamental para institucionalizar a arte em Goiás, facilitando o acesso à modernidade artística brasileira de uma maneira que respeitava o ritmo e a identidade local.

Desta forma, a fundação da EGBA não pode ser vista apenas como a criação de uma instituição de ensino, mas como parte de um movimento de transformação cultural que envolvia diferentes esferas da sociedade goiana. Essa escola foi um importante marco na construção da modernidade em Goiás, em uma época em que o estado se alinhava com os processos de modernização impulsionados pelo governo Vargas, com Goiânia como a vitrine desse novo tempo e da nova identidade que se buscava para o Brasil.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. **Arte, Educação e Cultura**. Out. 2012. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000079.pdf>. Acesso em: 29 jan 2025.

BORELA, Marcela. **Experiência moderna nas artes plásticas em Goiás: fronteira, identidade, história (1942-1962)**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/0f09fbd1-4630-4b9f-b02e-ab3aa2d1ffd8> Acesso em 08 jan. 2025.

CHAUL, Nars Nagib Fayad. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade**. Goiânia: UFG/UCG, 2010.

GOYA, Edna de Jesus. O Ensino Superior de Artes Plásticas em Goiás: a Escola Goiana de Belas Artes – EGBA. In MARTINS; Maria Virginia Gordilho Martins; HERNANDÉZ. Maria Hermínia Oliveira (Orgs.). **Entre Territórios - Anais do 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP)**. Cachoeira, Bahia: ANPAP, EDUFBA, 2010. Disponível em: https://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/ceav/edna_de_jesus_goya.pdf. Acesso em 19 jan 2025.

MENEZES, Amaury. **DJ Oliveira: operário da arte**. Editora Kelps: Goiânia, 2016.

METRAN, Márcia. Modernismo em Goiás. In Monteiro, R. H. e ROCHA, C. (Orgs.). **Anais do V Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual**. Goiânia – GO, 2012. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/2012-32_Modernismo_em_Goia%CC%81s.pdf. Acesso em 19 jan. 2025.

PEREIRA, Pedro Henrique Máximo; CRUZ, Luciana Saboia Fonseca. Atílio Corrêa Lima e o imaginário da máquina: representações do espírito de uma época no plano de Goiânia. In **Anais do Seminário Internacional Brasil-Argentina-México: 4º Encontro de Estudos Comparados em Arquitetura e Urbanismo das Américas**, Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Uberlândia, 2012. p. 1-12. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/323255599_ATTILIO_CORREA_LIMA_E_O_IMAGINARIO_DA_MAQUINA_REPRESENTACOES_DO_ESPIRITO_DE_UMA_EPOCA_NO_PLANO_DE_GOIANIA. Acesso em 31 jan 2025.

PINA FILHO, Braz Wilson Pompeu de. Jean Douliez: 1953 a 1963, uma nova era musical. In **Revista Goiana de Artes**, Vol. 8/9, nº 1, pp. 59-81. Goiânia: Instituto de Artes da UFG, (1987/88, Jan./Dez.).

SANTOS, Fernando Martins dos. Vila Boa de Goiás: capital artística do Brasil Central (?) – usos e abusos das imagens de Veiga Valle para a divulgação da antiga capital goiana. In **Anais do XIII Encontro Estadual da Anpuh/GO: História, Crise Ambiental e Vulnerabilidades Sociais**. PUC Goiás, 02 a 06 de maio de 2022. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/VILA+BOA+DE+GOIAS+CAPITAL+ARTISTICA+DO+BRASIL+CENTRAL+%E2%80%93+USOS+E+ABUSOS+DAS+IMAGENS+DE+VEIGA+VALLE+PARA+A+DIVULGA%C3%87aO+DA+ANTIGA+CAPITAL+GOIANA.pdf>. Acesso em 01 fev. 2025.

SOBRAL, Divino. As primeiras exposições de arte em Goiânia e suas contribuições para a formação do modernismo goiano nas artes plásticas. *In Anais da Jornada ABCA 2021*: crítica de arte diante das crises atuais. Disponível em: https://issuu.com/abcainforma/docs/anais_jornada_abca_2021/s/14424014. Acesso em 31 jan. 2025.

VIGÁRIO, Jacqueline. Nazareno **Confaloni**: arte & modernidade como experiência religiosa. [Livro eletrônico]. São Paulo: Edições Verona, 2021.